

COLUNAS DE PEDRA-SABÃO E O ATELIÊ EXPANDIDO: JORGE DOS ANJOS ENTRE O PASSADO, O PRESENTE, A NATUREZA E A ARTE

SOAPSTONE COLUMNS AND THE EXPANDED ATELIÊ: JORGE DOS ANJOS AND HIS DIALOGUE BETWEEN THE PAST, THE PRESENT, NATURE AND ART

Raquel Fernandesⁱ
PPGHA – UERJ / IFFluminense

RESUMO

O texto aborda o diálogo contante do artista Jorge dos Anjos com o seu passado, seu presente, a natureza e sua arte. O artista vivencia o fazer escultórico a partir da presença e do contato direto com a natureza e sua história. Além disso é importante pensar nas aproximações e distanciamentos entre Aleijadinho e Jorge dos Anjos e a existência do que chamaremos de Ateliê Expandido na Mata dos Palmitos, em Ouro Preto, MG, objeto principal deste artigo. Os dois artistas, que têm na pedra um suporte para suas esculturas se conectam de forma ancestral no domínio do elemento natural com técnicas e perspectivas que atravessam o tempo. Visitando outros teóricos que trazem em seus estudos reflexão acerca da presença da herança africana na prática artística desses homens, podemos perceber a existência intrínseca de signos, elementos, estética, poética e um sentir afro-brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Jorge dos Anjos. Arte afrobrasileira. Pedra-Sabão. Mata dos Palmitos. Natureza.

ABSTRACT

The text addresses the constant dialogue between the artist Jorge dos Anjos and his past, his present, nature and his art. The artist experiences sculptural making through presence and direct contact with nature and its history. Furthermore, it is important to think about the similarities and differences between Aleijadinho and Jorge dos Anjos and the existence of what we will call Ateliê Expandido na Mata dos Palmitos, in Ouro Preto, MG, the main object of this article. The two artists, who use stone as a support for their sculptures, connect in an ancestral way in the domain of the natural element with techniques and perspectives that cross time. Visiting other theorists who reflect on the presence of African heritage in the artistic practice of these men in their studies, we can perceive the intrinsic existence of signs, elements, aesthetics, poetics and an Afro-Brazilian feeling.

KEYWORDS

Jorge dos Anjos. Afro-Brazilian art. Soap stone. Mata dos Palmitos. Nature.



Introdução:

O presente artigo pretende abrir um novo diálogo entre tempos, espaços e artistas que viveram em épocas distintas mas preservaram e preservam em seus fazeres e técnicas semelhanças intrínsecas que os conectam com a mesma ancestralidade e com um presente que se distingue temporalmente. Mesmo com esse devir do tempo e do espaço de suas existências, suas obras reconectam signos a partir de uma estética afro-brasileira.

Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738 – 1814), nasceu em Vila Rica, atual Ouro Preto, onde também nasceu o artista e escultor Jorge Luiz dos Anjos (1957). Embora oriundos do mesmo lugar, isto é, da mesma localização geográfica, esse espaço se constitui e se transforma política e socialmente ao longo da história do Brasil e do mundo. Hoje vivendo e trabalhando em Belo Horizonte, capital mineira, Jorge dos Anjos cria espaços de produção que colaboram com a conexão constante de sua produção artística, os elementos da natureza e a energia dos orixás.

Apesar de terem construído suas trajetórias com referências múltiplas da imagética europeia, africana e brasileira, e do trabalho com diversos materiais, é na pedra que esses dois artistas se conectam e se comunicam, estabelecendo um diálogo em constante permanência.

Em uma primeira etapa o texto trará uma abordagem e uma apresentação do trabalho com a pedra dos dois artistas e, a partir deste ponto, conexões geográficas, iconográficas e interseções iconológicas serão reveladas aos nossos olhos para que possamos entrar no universo barroco-constructivo que se desenha. Para além dessa ligação estética é importante observar a poética material do elemento pedra que perpassa o tempo e instaura a ideia de permanência e memória.

Posteriormente falaremos das colunas de pedra-sabão e do que chamaremos de Ateliê Expandido do artista na Mata dos Palmitos, onde ele cria uma atmosfera a partir de uma cosmovisão e uma relação direta entre a arte e a natureza. A matéria utilizada como elemento base e como fim; como suporte e técnica; como dureza e



fluidez; passado, presente e intenção de futuro; como calor e frio; conectando Xangô a São Pedro, como fé e poesia.

Jorge dos Anjos, Aleijadinho e a pedra-sabão:

Jorge dos Anjos, nascido em 1957 em Ouro Preto, cidade histórica do Estado de Minas Gerais, que se transformou ao longo de cerca de 170 anos depois do período em que viveu Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Após se consolidar como artista plástico no cenário nacional e internacional e trabalhar com diversos materiais dentro de uma estrutura bidimensional, se aventura para a tridimensionalidade e, além do ferro e da madeira, é na pedra que o artista encontra a monumentalidade intrínseca e o diálogo permanente com a natureza e seu espaço de existência e resistência buscada por ele e citada por Valentim no “Manifesto Ainda que Tardio” (1976).

Atualmente a minha arte busca o Espaço: a rua, a estrada, a praça – os conjuntos arquitetônicos urbanísticos. Ainda sou pela síntese das artes: caminho para a humanização das comunidades. Integração arte-ecologia-urbano-arquitetural. (VALENTIM, 2018, p. 133)

Em documentário recente reproduzido no canal do youtube Arte De Toda Gente, como parte de um evento organizado excepcionalmente no formato virtual chamado Bossa Criativa / Mostra Ouro Preto / Apresentação / Pedra-Sabão (2022), dos Anjos elabora e expõe seu pensamento em relação ao diálogo com a pedra-sabão e o tempo-espaço em que esse elemento transita dentro da produção artística desde o barroco no Brasil.

A tradição escultórica mineira também conecta questões profundas da religiosidade e da ancestralidade afro-brasileiras. A pedreira, para além da representação de resistência e de transformação, é lugar onde pode se sentir a presença de Xangô. No panteão dos Orixás cultuados no Brasil, nas religiões de origem Iorubá, Xangô, rei, com a força dos raios e do fogo, se apresenta nas formações rochosas que nascem a partir da sua força. Com seu instrumento Osè (Oxé de Xangô), uma espécie de machadinha que tem lâmina para os dois lados, domina esse elemento e protege seus filhos e filhas das injustiças do mundo. “A monumentalidade e a



disposição para o diálogo com os espaços urbanos constituem elementos que marcam e definem a vocação da escultura de Jorge dos Anjos.” (SAMPAIO, 2010. p.35)

A pedra tem aí um papel simbólico importante na permanência das histórias e com a sua durabilidade mantém a certeza da existência desses povos por aqui. O domínio do elemento e o processo de transformação também dialogam e remontam esse fazer, esse domínio técnico de retirar a pedra do seu lugar original, cuidá-la, transformá-la e fazer com o que ela represente essa história de forma contínua.



Imagem 1: Jorge dos Anjos. Conjunto Escultórico em pedra-sabão, 2002. Aço e pedra-sabão, 220 X 40 X 40 cm (cada). Acervo: Coleção Museu Afro Brasil. Fotografia digital: do/a autor/a. Fonte: Acervo pessoal.

O conjunto escultórico ao qual trataremos para elucidar essas questões trazidas no texto será a obra *Colunas*. Um conjunto de doze colunas de pedra-sabão que cria um alfabeto simbólico, a partir de uma geometria sensível, e nos apresenta, de acordo com a organização museográfica curatorial um espaço que envolve o corpo do espectador.

Ao trabalhar na pedra a simbologia religiosa de outra matriz, isto é, de origem afro-brasileira, ele se vê na função de tirar a frieza do elemento trazendo o calor das memórias e imprimindo com rigor técnico as sutilezas do seu impulso criativo vital.

Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, nasceu em 1738 em Villa Rica, atual Ouro Preto. Filho natural de um arquiteto e mestre de obras português Manuel Francisco



Lisboa e de uma negra escravizada, Dona Isabel. Quando o pequeno rapaz se aprumou no campo da arte, a cidade vivia uma ascensão barroca que se configurou no território mineiro com a finalidade de demonstrar na colônia a força “espiritual da religiosidade do Catolicismo da Contra-Reforma ibérica, que cobra fidelidade às Sagradas Escrituras”. (WERKEMA, 2014).

É sabido que a configuração do Barroco nas terras brasileiras personificou-se principalmente na estatutária, nas pinturas murais, nos altares, nos relevos, nos retábulos e frontispícios com o objetivo de uma construção narrativa ideológica, severa e dramática, a fim de persuadir os fiéis e consolidar e expandir o cristianismo nessas terras.

Na publicação “Aleijadinho, 200 anos” (2014), Mauro Werkema traz a importante participação do mestre Antônio Francisco Lisboa, juntamente com seu parceiro em vários trabalhos, Manoel da Costa Ataíde, na transição do Barroco para o Rococó. No auge da sua produção artística na colônia, cresce o gosto pelas Artes e a elite que se forma e se instaura na cidade passa a valorizar cada vez mais seus trabalhos. Dá-se então um surto criativo que se espalhará não apenas pelas Igrejas (Capelas privadas e públicas; Matrizes de várias Ordens), mas também na arquitetura civil e religiosa; nas casas particulares, praças e espaços públicos.

Protagonista do Barroco brasileiro, Aleijadinho, artista incansável que produzia com diversos materiais apesar das dificuldades físicas que o assolavam, constrói, inspirado nas histórias bíblicas, cenas escultóricas da vida de Cristo, seus profetas e demais personagens advindos do Cristianismo. Essa gama de personagens posicionados em cenas dramáticas era necessária para garantir a verossimilhança da história que precisava ser difundida entre os novos cristãos.

Seu conjunto escultórico em madeira policromada que forma os Passos da Paixão de Cristo na cidade de Congonhas, também em Minas Gerais, não deixa dúvidas de sua capacidade técnica e sensível ao dominar a madeira e personificar expressões que atraem o fiel e o espectador para a dramaticidade das cenas que são contadas ao longo do percurso.



A pedra-sabão, elemento ao qual este trabalho se dedica, aparece de diversas formas na trajetória do mestre escultor. Dos portais, adornos, anjos e capitéis que ornaram as Igrejas de Mariana, Congonhas, Tiradentes, São João Del'Rei e Ouro Preto, onde ele trabalhou, aos monumentais profetas que estão estrategicamente posicionados, quase que em vigília, no pátio frontal do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, a pedra se configura como um material perene em relação à história e, ao mesmo tempo, efêmero no que se refere às diversas leituras que possam ser feitas ao longo dos anos.

A maneira precisa e delicada com a qual ele trabalha um elemento tão rígido deixa marcas de expressão que podem ser reinterpretadas ao longo do tempo e possibilita uma clara leitura dos dramas religiosos. Mesmo nos dias atuais, ao contemplar sua obra escultórica em pedra-sabão, pode-se reestabelecer uma conexão com o passado e repensar essas figuras na contemporaneidade.

No portal de entrada da Matriz de São Francisco em Ouro Preto, seus anjos de pedra esculpidos em meio a adornos diversos, nos envolvem com a expressão doce e, ao mesmo tempo nos abraçam no movimento cíclico dos cachos de seus cabelos e na fluidez que todo o conjunto que forma o arco nos apresenta.

Sobre a porta de entrada, no centro da fachada, um medalhão de pedra nos revela São Francisco de joelhos em posição de devoção aos céus, representado por anjos, raios de sol em alto revelo e volutas que nos sugerem o movimento das nuvens e do divino em direção aos homens de fé.



Imagem 2: Medalhão frontal da Igreja Matriz de São Francisco de Assis, símbolo da Ordem Franciscana, situado acima do Portal de entrada da Igreja. Antônio Francisco Lisboa – Aleijadinho. Pedra-sabão, 1776. Foto: Leo Homssi. (BARROSO FILHO, 2016)

A pedra, em posse do artista, representa não apenas um suporte onde ele desenvolverá sua técnica e criará peças alegóricas e representativas da estatutária católica europeia, mas também como elemento fundamental que repete e retoma saberes outros da sua ancestralidade artística e étnica. Da pedreira à Igreja, o elemento rígido, duro, pesado e frio se modifica de forma fluida e ganha leveza e calor expressivos, se transformando nas mãos do artista e aos olhos do fiel e/ou espectador.

A Mata dos Palmitos e o Ateliê Expandido, um relato e várias percepções:

Em novembro de 2023, durante a pesquisa de campo feita em Belo Horizonte, MG, com o intuito de recolher mais arcabouço estético para a produção do texto da tese do doutorado, recebi o convite do próprio Jorge dos Anjos, para passarmos um dia inteiro na Mata dos Palmitos. Esse lugar, que ocupava um espaço repleto de expectativas em minhas reflexões, a partir das leituras e dos estudos recentes sobre o artista, estava próximo de ser vivenciado por mim, e dessa forma, poder constar de maneira concreta em meus textos e estudos.



Localizada no distrito de Santa Rita, que pertence a cidade de Ouro Preto, a Mata dos Palmitos fica a uma distância de 130 quilômetros de Belo Horizonte e é lá que se encontra o cenário e o universo do trabalho com a pedra-sabão que hoje é experienciado por Jorge dos Anjos e outrora, por Aleijadinho. Este espaço conecta tempo, técnica, sentidos e arte.

Ao chegar no local, encontramos pessoas simples, que trabalham com a pedra-sabão, com agricultura familiar, criação de animais para consumo próprio e diversas outras profissões necessárias e pertinentes para a vida no interior. O nosso destino final fica em uma casa ampla, simples, colorida e habitada por uma mulher feliz e acolhedora chamada Dionísia. Nome aliás, bem sugestivo para o banquete de fatos que se seguirá a partir desta acolhida.



Imagem 3: Ateliê Expandido e a montagem do conjunto escultórico. Mata dos Palmitos, Ouro Preto (MG) 2023. Fotografia digital. Foto: Leonardo de V. Silva. Fonte: Acervo pessoal.

Anexado a residência da Dionísia, nossa anfitriã, fica o avarandado de construção simples, com vista privilegiada, e repleto de pedras brutas, polidas, trabalhadas, esculpidas e organizadas que neste momento chamaremos de Ateliê Expandido. Neste espaço o artista co-cria junto ao ambiente e dessa forma, vivencia sua obra estabelecendo e intensificando seu diálogo com a natureza, as formas básicas da geometria, seus saberes e sua poética construtiva.



Imagem 4: Ateliê Expandido e a montagem do conjunto escultórico com Jorge dos Anjos. Mata dos Palmitos, Ouro Preto (MG) 2023. Fotografia digital. Foto: Leonardo de V. Silva. Fonte: Acervo pessoal.

O artista cria nesse espaço um ambiente ideal de trabalho e fruição, onde no vazio entre as montanhas e o céu ele ergue suas colunas de forma semi-trabalhada e vai criando devagar, sentindo com o espaço e com o tempo. Interagindo com o material vai detalhando e desenhando sua linguagem geométrica simbólica como se fosse uma partitura, um alfabeto “vêrbico-visual”, (VALENTIM, 2018) que registra e escreve suas percepções e criações.

Ele organiza, com toda propriedade técnica, uma estrutura totêmica que se compõe de cubos de pedra moldados, trabalhados, esculpidos, transformados em organismos sensíveis. A textura variada dos acabamentos, as entranças e os signos que se inscrevem no bloco de pedra nos revelam uma dramaturgia simbólica que conta parte da história dos povos negros escravizados no Brasil.



Imagem 5: Ateliê Expandido e a montagem do conjunto escultórico com Jorge dos Anjos e o detalhe em uma das peças. Mata dos Palmitos, Ouro Preto (MG) 2023. Fotografia digital. Foto: Leonardo de V. Silva. Fonte: Acervo pessoal.

Na coluna mostrada na imagem 5, o artista nos explica a inserção de elementos, como se dá essa construção, essa escolha e a composição. Ele conversa visualmente não só com o tempo e o espaço, mas, organiza as obras como um maestro que constrói em harmonia de um elemento com o outro. Em sua fala, simples e precisa, como a sua obra ele explica:

As vezes gosto de inserir outros objetos em um espaço no baixo-relevo da pedra. Podem ser objetos pensados previamente, ou mesmo elementos encontrados no espaço aqui. Fica parecendo uma espécie de ex-votos e insere outros sentidos a peça. Nesta, por exemplo, eu uni contas, conchas e uma imagem de Nossa Senhora, ficou bonito e da margem pra várias leituras. (DOS ANJOS, 2023).

As colunas de Jorge dos Anjos em forma de conjunto escultórico, extraídas da mesma pedreira de outros tempos, apresentam uma verticalidade propositadamente pensada para fazer-nos sentir e experimentar outra relação do corpo com esse espaço e com a história contada através dos signos-símbolos colocados ali. Aqui se dá um ponto de contato poético de fruição do corpo com o espaço da obra. A pequenez do homem do passado diante da monumentalidade das torres da Igreja Matriz e dos Profetas de Aleijadinho se transforma em um corpo vivo, grande, cheio de memórias que transita entre as colunas que se apresentam com toda a sua



verticalidade sem abandonar o diálogo visual e simbólico com o homem e entre as suas unidades signográficas.

Essa organização “texto-vérbico-visual-signográfica” como diria Valentim em seu Manifesto (1976), nos leva a uma outra encruzilhada de caminhos que percorrem a existência de Aleijadinho e chega até dos Anjos. Essa linguagem esculpida nas colunas remonta outra narrativa histórica que também confere dramaticidade, fé, proteção e envolvimento com a obra.

“A pedra-sabão, transformada pelas mãos do Aleijadinho em refinadas figuras de santos católicos e elementos decorativos das portadas e dos altares das igrejas mineiras, recupera na escultura de Jorge dos Anjos a sua destinação ao sagrado.” (SAMPAIO, 2010. p. 36)

Retomar elementos, aprimorar técnicas e reestruturar os signos de modo a poder contar a história de homens e deuses é uma prática que os dois artistas perseguem nas suas trajetórias. Aleijadinho encontra nas alegorias cristãs, na sua memória afetiva e na sua constante formação imagética dentro de um cenário religioso católico sua força expressiva que dialoga com a pulsão totêmica de tribos ancestrais, com a fluidez da forma que nos traz constante sensação de movimento e seus adornos cíclicos que sempre nos levam as origens. Nesse jogo de representação do sagrado o artista comove, envolve e captura o fiel-espectador.



Imagem 6: Colunas. Aço e pedra-sabão, 220 X 40 X 40 cm (cada). Acervo: Coleção Museu Afro Brasil. Fotografia digital: do/a autor/a. Fonte: Acervo pessoal

Jorge dos Anjos, por sua vez, com a sua geometria sensível reorganiza os signos, elementos simples em uma composição complexa que depende de um acordo



poético com o espectador. Em um jogo de cheios e vazios, baixos e altos relevos, encaixes e protuberâncias, equilíbrio e monumentalidade, confere à pedra-sabão uma perspectiva histórica, erguendo com ela uma ponte sólida com a memória ancestral e a luta contra as inúmeras tentativas de apagamentos da população negra no Brasil.

Referências:

BARROSO FILHO, Francisco. Igreja de São Francisco de Assis. 2ª Ed. rev. Ouro Preto : O Lutador, 2016.

Bossa Criativa / Mostra Ouro Preto / Apresentação / Pedra Sabão. Canal do Youtube: ARTE DE TODA GENTE. Fundação de Arte de Ouro Preto, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/s3DYJQNokzE> <Acesso em: 08 de fevereiro de 2022>.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Os Passos de Congonhas e suas Restaurações. Brasília, DF : Iphan, 2011.

RIBEIRO, Marília Andrés. Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60. Belo Horizonte : C/Arte, 1997.

SAMPAIO, Márcio. Jorge dos Anjos: Risco, Recorte, Percurso. Coord: Jorge Luiz dos Anjos; Organização: Irena Seabra dos Anjos e Janaina Alves Melo – Belo Horizonte : C/Arte, 2010.

SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. A Escultura de Jorge dos Anjos. In: Jorge dos Anjos Esculturas Ouro Preto – Catálogo. Organização: Irena Seabra dos Anjos. Belo Horizonte : Edição do Autor, 2014.

VALENTIM, Rubem. Manifesto ainda que Tardio – (1976). In: Rubem Valentim: construções afro-atlânticas/ catálogo. Curadoria Fernando Oliva; organização editorial Adriano Pedrosa e Fernando Oliva – São Paulo : MASP, 2018.

WERKEMA, Mauro. Aleijadinho, vida, obra e meio. IN: LEMOS, Paulo. Aleijadinho 200 anos. 1ª edição. Ouro Preto : Livraria & Editora Graphar, 2014.

ⁱ Doutoranda em História da Arte pelo PPGHA – UERJ; Mestre em Arte – PPGArtes – UERJ; Especialista em Literatuta, Memória Cultural e Sociedade – CEFET Campos; Licenciada em Artes Visuais – UNIVERSO; Bacharel em Artes Cênicas – UNIRIO. Docente de História da Arte e Teorias da Arte e do Teatro e Visualidades da Cena do Instituto Federal Fluminense (IFF); LattesID: <http://lattes.cnpq.br/5330896047503665> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3418-5336>. Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.